

EDUARDO SPOHR

FILHOS DO ÉDEN
—  — LIVRO 3
PARAÍSO PERDIDO

13ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2016



*Este livro é dedicado a todas as mulheres deste mundo
(e de outros, quem sabe)*



SUMÁRIO

Apresentação: Um brinde a todos os deuses.....	11
As Sete Castas Angélicas.....	13
Os Sete Céus.....	14
Os Arcanjos.....	15
Personagens.....	16
O Manuscrito Sagrado dos Malakins.....	23

LIVRO 3: PARAÍSO PERDIDO

PARTE I: O CREPÚSCULO DOS DEUSES

1 O Paraíso Terrestre.....	31
2 Brincando com Fogo.....	35
3 O Fruto Proibido.....	41
4 Nos Portões do Valhala.....	46
5 O Executor.....	56
6 Suor de Batalha.....	60
7 Sif, Cabelos de Trigo.....	69
8 Aquele que Remove Obstáculos.....	76
9 O Rio do Amor.....	80

10	Corredor Florestal	87
11	A Rainha Azul	93
12	O Beijo da Morte.....	97
13	Níðhöggr	101
14	Coração de Dragão.....	107
15	Sleipnir, o Suave.....	115
16	O Anel dos Nibelungos.....	122
17	Ragnarök	125
18	Iðavöllr	131
19	Heimdall, o Observador.....	138
20	Fogo e Gelo	143
21	A Bandeira do Corvo.....	149
22	Høfuð	154
23	O Despertar da Primavera.....	159
24	O Salão dos Heróis	168
25	Bifrost, a Ponte do Arco-Íris.....	180

INTERLÚDIO

	Uziel, o Marechal Dourado.....	189
--	--------------------------------	-----

PARTE II: ANTES DO DILÚVIO

26	O Rei Ungido de Atlântida	197
27	<i>Baghti</i> , o Cisne	206
28	Risco de Prata	212
29	Filha das Trevas.....	217
30	Barak-Maru.....	222
31	Shekhinah, a Presença de Deus	227
32	N'glalek, o Rastejante.....	232
33	Os Deuses Primevos	239
34	A Lança de Nod.....	243
35	Shadair, a Preciosa.....	250
36	O Vale dos Ossos.....	257

37 Ophir.....	262
38 Nagaraja	270
39 Os Três Irmãos	274
40 O Círculo Escarlate.....	278
41 O Colosso de Ferro	282
42 Sólido como Água	286
43 Tukh	290
44 Coroa Solar.....	295
45 Gigante Vermelha	301
46 Saphiro	307
47 Fúria Vermelha.....	313

INTERLÚDIO

Os Juízes do Mundo Interior	321
-----------------------------------	-----

PARTE III: VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

48 Dakota.....	327
49 Caçadores Caçados	334
50 Onde o Mundo Acaba.....	339
51 O Inimigo do Meu Inimigo	343
52 Campos Elísios	350
53 Red Hook.....	356
54 “Onde Tudo Começou”	362
55 Fogo Cruzado.....	369
56 A Ilha do Vidro.....	376
57 Tríplice Aliança	385
58 O Rei dos Ladrões.....	394
59 O Poço das Lágrimas	404
60 Bahr Lut.....	413
61 Sandálias de Hermes	423
62 “Abandonai Toda a Esperança”	434
63 Polo Magnético	443

64	O Centro do Mundo	446
65	Rota de Colisão	455
66	Cerberus	459
67	Explosão Cósmica	463
68	Raio de Esperança	469
69	Heróis e Soldados	475
70	Estrondo de Guerra.....	477
71	Choque Mental.....	482
72	O Sol Interior	485
73	“Nada Existe”	491
74	“Nós Sempre Teremos Paris”.....	495
75	O Milagre da Vida	499
76	Só Se Vive Duas Vezes	502
77	Mancha Solar	506
78	Cavalgada das Valquírias	508
79	Cárcere do Medo.....	510
80	Corações Partidos.....	514
Epílogo		523

APÊNDICE

A Realidade e Além	529
Linha do Tempo.....	534
Glossário	540



APRESENTAÇÃO

Um brinde a todos os deuses

NÃO RARO — COM BASTANTE FREQUÊNCIA, NA REALIDADE — AS PESSOAS ME PERGUNTAM se eu acredito nas coisas que escrevo, se eu creio em Deus ou tenho alguma religião. Quando esses assuntos vêm à tona, eu costumo responder contando uma história que aconteceu comigo, nos meus tempos de faculdade.

No princípio de 2001, um conhecido meu — éramos colegas de turma — foi diagnosticado com câncer e submetido a uma série de procedimentos que viriam — felizmente, diga-se de passagem — a curá-lo do tumor que o afligia. Durante uma conversa, anos mais tarde, ele me explicou como funciona o tratamento quimioterápico: o medicamento entra no sangue exterminando todas as células, sem distinção, acabando com as defesas do corpo e ao mesmo tempo reduzindo as regiões tumorais. O organismo é literalmente destruído, para que possa se renovar em seguida.

Enquanto ele falava, uma imagem muito clara surgiu na minha mente: a do deus Shiva, uma das principais divindades da religião hinduísta. Segundo algumas narrativas, o fim dos tempos é precedido por ele, Shiva, o Destruidor, que devasta o mundo com fogo, água e trovões, queimando as cidades, esterilizando as colheitas e aniquilando os seres humanos. No Ocidente, Shiva é visto como uma entidade maléfica, mas os indianos consideram sua passagem essencial para que Brahma, o deus da criação, possa descer à Terra e repovoar o planeta.

Se Shiva e Brahma existem enquanto imagens personificadas, se flutuam sobre uma imensa flor de lótus ou vivem em um paraíso celeste é — ou, pelo menos, deveria ser — uma discussão secundária. O importante é o que eles representam, o importante é que tais energias (como bem constatou meu amigo) estão e sem-

pre estarão atuando em nossa vida. Nesse sentido, todos os deuses são reais. Desde Shinigami, o deus da morte japonês, até Ísis, a deusa egípcia da fertilidade, todos encontram reflexo em nosso mundo — todos *são* um reflexo do nosso mundo e da maneira como o enxergamos.

Foi tomando por base esse sistema de códigos que eu construí — e ainda construo — meus personagens. Os anjos, demônios e feiticeiros presentes em minhas obras não existem concretamente, mas às vezes, quando levo uma fechada no trânsito, sinto como se um querubim descesse ao meu lado, me incitando a partir para a briga, a quebrar o nariz do sujeito, para logo depois um ofanim aparecer no banco do carona e sussurrar, candidamente: “Calma”.

Nesse aspecto, *Paraíso Perdido* é uma homenagem não só a todos os deuses como a todas as criaturas, boas e más, que já visitaram as páginas dos meus romances, daí a ideia de reuni-los pela última vez. Nada mais justo. Foram eles — Ablon, Kaira, Denyel, Orion, Uraquin e tantos outros — que me levaram até vocês, leitores, que me fizeram conhecê-los e nos mantiveram unidos por oito anos, desde a primeira publicação de *A Batalha do Apocalipse*, em 2007.

Confesso que, para mim, como escritor, essa jornada teria sido um tanto insossa se eu a tivesse trilhado sozinho, se não a tivesse compartilhado com vocês. Juntos, nós vivemos essa experiência. Juntos, avistamos as torres da Babilônia, escalamos as praias da Normandia, testemunhamos a criação do universo. Enfrentamos dragões e demônios, arcanjos e bruxos, cruzamos o túnel da morte, morremos e renascemos.

Por tudo isso, o universo que nós — não eu, mas *nós* — criamos não pode nem vai terminar por aqui. Este tomo encerra, definitivamente, o arco de histórias que engloba *A Batalha do Apocalipse*, *Herdeiros de Atlântida*, *Anjos da Morte* e, claro, este último volume, *Paraíso Perdido*, mas nada impede que haja mais projetos nessa linha. Já estamos preparando uma enciclopédia visual, a ser lançada em 2016, e quem sabe outros romances possam surgir, num futuro próximo ou distante.

No momento em que você estiver lendo este texto, eu devo estar longe, muito longe, desligado, ou, como se diz atualmente, *offline*. Após dois anos sem férias, quero tirar alguns dias para descansar e recuperar a sanidade perdida, mas em breve estarei de volta e espero revê-los nos eventos, nas sessões de autógrafos e pela internet.

Este é o último parágrafo que redijo para esta trilogia — ou melhor, para esta tetralogia —, e já me sinto um pouco nostálgico. Olho através da janela. É uma quinta-feira chuvosa. Nuvens cinzentas encobrem o céu, mas há um fecho de luz entre elas. O curioso é que é sempre assim. Sempre termina. E sempre recomeça.

EDUARDO SPOHR, *outono de 2015*

✠ — ✠

AS SETE CASTAS ANGÉLICAS

- Querubins** Anjos guerreiros. Seus poderes são baseados em força, percepção, furtividade e rapidez.
- Serafins** Nobres, políticos e burocratas. Mestres na persuasão e na manipulação da mente.
- Elohins** Vivem no plano físico, geralmente disfarçados de seres humanos. Hábeis em se adaptar a etnias e grupos sociais.
- Ofanins** Anjos da guarda. Seres bondosos, que vagam no plano astral ajudando os seres humanos. Carismáticos, são capazes de controlar emoções.
- Hashmalins** Torturadores, anjos da punição. Controlam os espíritos e as trevas.
- Ishins** Celestes responsáveis por governar as forças elementais: fogo, terra, água e ar.
- Malakins** Sua missão é estudar o universo e a humanidade. Reclusos, podem moldar o tempo e o espaço.

— ❖ — ❖ —

OS SETE CÉUS

- Primeiro Céu** Tártaro. Lar dos ishins, abriga os quatro reinos elementais. É a camada mais próxima da terra.
- Segundo Céu** Gehenna. O purgatório. Uma dimensão de escuridão e torturas, destinada a deter prisioneiros e almas em penitência.
- Terceiro Céu** Éden Celestial. Destino da alma dos justos após a morte.
- Quarto Céu** Acheron. Camada intermediária. Contém as fortalezas angélicas e os campos de guerra.
- Quinto Céu** Celestia. Aqui ficam o Palácio Celestial, as cidades aladas e as catedrais celestes. Era o ponto de reunião dos arcanjos antes da guerra civil.
- Sexto Céu** Raqui'a. Região controlada pelos malakins. Usada como retiro e pavilhão de estudos.
- Sétimo Céu** Tsafon. Onde Yahweh descansa.

OS ARCANJOS
(em ordem hierárquica)

- Miguel** O Príncipe dos Anjos. O maior de todos os arcanjos, venceu os exércitos de Lúcifer e os expulsou para o Sheol.
- Lúcifer** A Estrela da Manhã, chamado também de Filho do Alvorecer, Portador da Luz ou Arcanjo Sombrio. Rebelou-se contra Miguel e hoje tem o próprio domínio nas profundezas do inferno.
- Rafael** A Cura de Deus ou o Quinto Arcanjo. O mais bondoso e indulgente dos primicérios. Desapareceu misteriosamente nos dias que se seguiram ao dilúvio.
- Gabriel** O Mestre do Fogo, Mensageiro, Anjo da Revelação ou Força de Deus. Costumava ser enviado à Haled para cumprir missões ordenadas pelos demais arcanjos. Revoltou-se contra o irmão Miguel, dando início à guerra civil.
- Uziel** O Marechal Dourado. O mais novo dos cinco arcanjos, patrono da casta dos querubins.

— ❧ —

PERSONAGENS

- Ablon** O Primeiro General, anteriormente chamado de Vingador. O maior soldado do arcanjo Miguel. Posteriormente se rebelou, tornando-se o líder dos anjos renegados.
- Adão** O primeiro homem. Até onde se sabe, foi o primeiro ser humano a se esclarecer.
- Amael** O Senhor dos Vulcões. É um zanathus, um demônio do fogo, tendo sido um dos responsáveis pelo dilúvio, ao derreter as calotas polares.
- Andvari** Antigo rei dos anões, nas terras nórdicas. Pai de Dáinn, foi quem forjou o Anel dos Nibelungos.
- Balder** Para os nórdicos, deus da justiça e da sabedoria, filho de Odin e Frigga.
- Bláinn** Na mitologia nórdica, o ancestral de todos os anões.
- Blóðughófi** Égua avermelhada que viria a ser tomada como montaria por Kaira, após a batalha no Hades.
- Brokkr** Idoso general dos anões.
- Brunhildr** Alcunhada de Estrondo de Guerra, é uma das quatro capitãs valquírias, filha de Odin.
- Cerberus** Servo de Metatron, porta-voz e guardião do Hades.

- Dáinn** Rei dos anões das terras nórdicas, portador do Anel dos Nibelungos.
- Denyel** Um dos querubins exilados, que durante o século XX integrou o esquadrão dos anjos da morte.
- Egill** Poeta nórdico, o menestrel dos deuses.
- Eric Tate** Identidade “mortal” usada por Denyel de 1973 a 1989.
- Ério** Um dos tripulantes a bordo do *Kelos*, embarcação coríntia, no período anterior ao dilúvio.
- Eva** A segunda mulher de Adão, oferecida a ele por Metatron após Lilith ser expulsa do Jardim do Éden.
- Fafnir** Dragão do fogo, pai de Níðhöggr, morto pelo herói Siegfried nos tempos mitológicos.
- Falhófnir** Corcel de pelagem bege e patas grossas tomado como montaria por Urakin, após a batalha no Hades.
- Feng** Um dos três guardiões da ponte sobre o rio Lon, nas montanhas Tay-Pin.
- Fenris** O maior, mais feroz e mais antigo lobo das terras nórdicas. Vive no reino gelado de Niflheimr.
- Fjalar** Príncipe dos anões, filho de Dáinn e neto de Andvari.
- Freya** Deusa nórdica da sexualidade, da fertilidade e da vida.
- Frigga** Deusa-mãe dos aesires, esposa de Odin, mãe de Thor, Balder, Tyr e das quatro capitãs valquírias.
- Gísl** Cavalo negro de Denyel.
- Glær** Égua de Hildir.
- Godi** Bisneto do lobo Fenris, era um dos responsáveis por guardar a fortaleza de Iðavöllr.
- Grani** Alazão filho do mítico Sleipnir, o cavalo de Odin.
- Gren** Um ogro.
- Grimhildr** Chamada de Rainha Azul, é uma ninfa que assumiu o controle da torre de Víðbláin, após os elfos de Álfheim regressarem à Arcádia.

- Gunnar** Clérigo dinamarquês que ofereceu a jovem Siegnet a Odin.
- Gunther** Hoje um dos einherjar, foi um chefe bárbaro na região da Borgonha entre os anos 436 e 407 a.C.
- Hagen** Um dos einherjar.
- Hash'tir** Nascido na ilha de Thule, pertencente à casa Bh'lon, governava a Hiperbórea a serviço dos Magos Brancos, uma confraria existente antes do dilúvio.
- Hefesto** Deus olímpico da tecnologia, dos ferreiros, artesãos, escultores, dos metais, da metalurgia, do fogo e dos vulcões. Filho de Zeus, é manco e corcunda.
- Heimdall** Conhecido pela alcunha de Observador, é o deus nórdico que tem o poder de abrir a Ponte Bifrost, em Asgard.
- Hela** Deusa nórdica da morte e dos mortos-vivos. Vive nas terras de Helheim, o domínio mais distante sob os galhos da Yggdrasil.
- Herja** Fogo de Odin, era uma das quatro valquírias originais, filhas de Odin. Foi morta pelo gigante Thrymr.
- Hermes** Deus dos ladrões, é um dos olímpianos. Chamado também de Mercúrio.
- Hildir** Grito de Batalha. Capitã das valquírias, em Asgard.
- Ikol** Troll a serviço do gigante Thrymr, na fortaleza de Iðavöllr.
- Inanna** Cria de Lúcifer e Lilith, é uma das lilins. Posteriormente, uma baronesa do inferno. Alcunhada de Filha das Trevas.
- Ishtar** A Fúria Dourada. Querubim comandante da Legião das Espadas, subordinada a Ablon.
- Ismael** O Executor. Aliado de Kaira e Urakin. Foi um dos poucos hashmalins que abraçaram a facção rebelde.
- Jörmungandr** Na mitologia nórdica, uma serpente gigantesca, mãe de todos os dragões.
- Kaira** Centelha Divina. Capitã dos exércitos revolucionários de Gabriel, é uma ishim da província do fogo.

- Kali** Serafim pertencente à estirpe dos suryas. Reconhecida pelos homens antigos como a deusa da morte e dos sacrifícios humanos.
- Kha** O Sol. O sentinela que mantém controle sobre o território antediluviano de Sakha.
- Kothar-wa-Khasis** Um dos ex-Buscadores de Enoque, tornou-se um arquimago renegado.
- Kumada** Um dos três guardiões da ponte sobre o rio Lon, nas montanhas Tay-Pin.
- Lao** Um dos três guardiões da ponte sobre o rio Lon, nas montanhas Tay-Pin.
- Leviah** O Amigo dos Homens. Ofanim partidário das forças rebeldes.
- Loki** O deus da trapaça na mitologia nórdica.
- Metatron** O Primeiro Anjo, chamado ainda de Rei dos Homens sobre a Terra ou Anjo Supremo. Ex-líder dos sentinelas, foi preso por se rebelar contra os arcanjos.
- Minos** O mais importante dos reis de Creta na era mítica. Desafiou seu pai, Zeus, e acabou preso no Hades com seu exército de mirmidões.
- Molloch** Hashmalim responsável pelo Cárcere do Medo, a maior prisão do Segundo Céu. Posteriormente viria a se tornar um dos nove duques do inferno.
- Muzhda** O Colosso de Ferro. Um dos chamados Três Pilares de Metatron, mantinha controle sobre uma aldeia nas montanhas Tay-Pin, antes do dilúvio.
- Myst** Tempestade da Vitória, a mais nova das filhas de Odin e uma das quatro capitãs valquírias.
- Nathanael** O Mais Puro. Um ofanim, braço direito do arcanjo Rafael e depois mensageiro do arcanjo Gabriel.
- N'glalek** Um dos netos de Tehom.
- Níðhöggr** Filho de Fafnir e neto da serpente Jörmungandr, é um dos dragões do fogo.

- Nyr** Bisneto do lobo Fenris, era um dos animais responsáveis por guardar a fortaleza de Iðavöllr.
- Oberon** Rei dos elfos sobre o trono de Ynys Wydryn, no plano etéreo.
- Odin** Chefe dos deuses nórdicos da guerra, os aesires.
- Orcus** Um dos barões do inferno.
- Orion** O Rei Ungido de Atlântida, chamado ainda de Senhor dos Mares ou Estrela de Prata. Elohim que posteriormente viria a cair com Lúcifer, tornando-se um demônio da casta dos satanis.
- Parcos** O mais velho dos tripulantes a bordo do *Kelos*, embarcação coríntia, no período anterior ao dilúvio.
- Rachel Arsen** Menina antes aprisionada no avatar de Kaira. Foi libertada durante a batalha em Athea, relatada em *Filhos do Éden: Herdeiros de Atlântida*.
- Radamanthys** Irmão de Minos. Reconhecido como o maior guerreiro humano que já existiu.
- Samael** Anteriormente um serafim subordinado a Lúcifer, viria a se tornar um demônio. Famoso por se travestir de serpente e oferecer a maçã à jovem Eva, sendo por isso chamado de Serpente do Éden, Satã ou Satanás.
- Samyaza** A Senhora dos Portais. Uma sentinela infiltrada na casta dos elohins a mando de Metatron.
- Shekhinah** A Presença de Deus. O maior dos elohins enviados à terra pelo arcanjo Miguel para assumir os postos deixados pelos sentinelas entre as sociedades humanas.
- Siegfried** Herói nórdico responsável por matar o dragão Fafnir. Filho de Odin com a jovem mortal Siegnet.
- Siegnet** Mãe de Siegfried, foi uma das amantes humanas de Odin.
- Sif** Cabelos de Trigo, esposa do deus Thor e rainha dos aesires.
- Sirith** Demônio raptor. Foi derrotado por Denyel e Urakin na batalha de Athea e caiu (ferido, mas ainda vivo) nas águas douradas do rio Oceanus.

- Sköll** Lobo negro, filho do poderoso Fenris.
- Skuld** Bisneto do lobo Fenris, era um dos animais responsáveis por guardar a fortaleza de Iðavöllr.
- Sleipnir** Cavalos sagrados de Odin.
- Soma** Um dos principais almirantes de Orion, é um atlante, comandante do navio *Baghti*.
- Sophia** Uma das supostas elohins residentes na terra, teoricamente não relacionada aos interesses da teia.
- Surtr** Chefe dos gigantes do fogo, filho do falecido Ymir.
- Svadilfari** Pai de Sleipnir. Garanhão cinza-escuro que ajudou a construir os muros do Valhala.
- Tamuz** Um dos capitães do arquimago Kothar, no zigurate de Barak-Marú.
- Teth** O Terceiro dos Sete. Um dos malakins que anteriormente controlavam os anjos da morte.
- Thera** General atlante nomeado guardião de Egnias, a Segunda Cidade.
- Thor** Para os nórdicos, o Deus do Trovão, filho de Odin.
- Thrymr** Chefe dos gigantes do gelo, rei dos gigantes e filho do falecido Ymir.
- Titânia** Rainha dos elfos sobre o trono de Ynys Wydryn, no plano etéreo.
- Tyr** Deus nórdico da justiça, primogênito de Odin e irmão de Thor.
- Ullr** Deus nórdico da caça.
- Urakin** O Punho de Deus. Um guerreiro obstinado e forte, parceiro de missão de Kaira e Ismael.
- Uzza** O Invencível, general querubim da estirpe dos shedus.
- Yaga** Hashmalim sob as ordens de Andril. Foi a “intercessora” de Denyel entre os anos 50 e 70.

- Ymir** O ancestral de todos os gigantes nórdicos. Pai de Thrymr e Surtr. Morto por Odin.
- Yrsa** Égua de batalha pertencente a Sif, a rainha dos aesires.
- Zeus** Chamado de Deus dos Deuses, é o líder do panteão olímpico.
- Prúðgelmir** Gigante das colinas. O verdadeiro pai do deus Loki.

❧ ❧

O MANUSCRITO SAGRADO DOS MALAKINS

NO PRINCÍPIO NÃO HAVIA NADA, APENAS O CAOS, E QUEM O GOVERNAVA ERA TEHOM, a suprema força da escuridão e das trevas. O espírito de Deus, Yahweh, pairava então sobre a face do abismo, reunindo em si tudo o que era justo, o que era bom, o que era certo e luminoso.

Naqueles dias, anteriores mesmo ao contínuo do tempo, claridade e negrume se enfrentaram nos obscuros cantos das fossas primevas. Tehom tinha a seu lado uma miríade de seres disformes, dentre os quais Behemot era o mais elevado. Yahweh concebeu a seu modo os cinco arcanjos, e eram eles Miguel, o Príncipe dos Anjos, Gabriel, o Mestre do Fogo, Rafael, a Cura de Deus, Uziel, o Marechal Dourado, e Lúcifer, a Estrela da Manhã. Munidos de espadas brilhantes, esses alados combateram à espreita do pai e, após incontáveis duelos, baniram seus oponentes do universo comum.

E houve, enfim, um primeiro dia.

No amanhecer do segundo dia, Deus fez a luz e, ao entardecer, esculpiu um sem-número de entes divinos, os *anjos*, para ajudá-lo na feitura do espaço. O primeiro anjo foi Metatron. Forjado no núcleo escaldante da grande explosão, ele serviu de molde para os celestiais que nasceriam a seguir. Inspirado em Metatron, Yahweh organizou os celestes em sete castas, cada qual dotada de poderes místicos e de uma natureza específica, diretamente associados a suas tarefas na criação. Surgiram assim anjos guerreiros, burocratas, juizes, anjos da guarda e toda sorte de entidades servindo sob as ordens do céu.

No terceiro dia, Deus e seus sectários deram forma às estrelas, às constelações e nebulosas, e no quarto dia aos planetas, estéreis e cinzentos, até que o universo

pariu seu maior santuário: um astro repleto de cor e de vida batizado, nos primórdios, de Éden. O Éden, ou Terra, era um mundo diferente dos outros, onde todas as coisas estavam ligadas, cada rio, cada floresta, cada sopro do vento, cada gota no oceano, como uma teia que a todos cercava e unia. Brotaram da água seres os mais diversos, anfíbios e peixes, moluscos e répteis, e houve, com isso, um quinto dia.

No sexto dia, a seleção natural refinou as espécies, tornando-as espertas e inteligentes. Uma delas se espalhou pelo globo, dando origem ao homem, considerado por Deus seu trabalho mais primoroso. Cansado e ao mesmo tempo fascinado, Yahweh presenteou os seres humanos com uma fagulha de sua essência imortal — a *alma* — e ordenou aos alados que se curvassem a eles, lhes servissem e os adorassem. Então, antes de partir para o eterno descanso, entregou aos arcanjos a regência do céu e designou um coro para governar sobre a terra, com o encargo de orientar os mortais, sem, contudo, interferir em suas ações. Como autênticos defensores da humanidade, esses observadores solenes foram chamados de *sentinelas*, e seu líder, Metatron, nomeado Rei dos Homens sobre a Terra.

Sem a tutela de Deus, porém, a paz não se sustentaria por muito tempo. No raiar do sétimo dia, um dos arcanjos, Lúcifer, recusou-se a venerar os terrenos, sendo ele uma criatura de luz, um dos herdeiros diretos do cosmo. Secretamente, Lúcifer manipulou seu irmão Miguel, que planejou um genocídio, mas para que a catástrofe — para que *qualquer* catástrofe — tivesse efeito seria preciso, antes, desafiar os sentinelas, responsáveis por salvaguardar o planeta.

Lúcifer empregou várias artimanhas para que Metatron perdesse a fé, e, quando todas elas falharam, o arcanjo Gabriel em pessoa foi mandado ao plano físico com a incumbência de convencer o Rei dos Homens a retornar às alturas, mas este se negou, afinal sua missão fora outorgada por Deus. No curso desses primeiros séculos, Metatron e seus anjos sucumbiram aos desejos carnavais, cultivando esposos e esposas, gerando filhos e filhas, e jamais rejeitariam seus lares nem permitiriam que alguém os tomasse.

Ao repudiar a hecatombe, os sentinelas foram caçados, o que os obrigou a se esconder e a fugir. Muitos acabaram mortos, até Metatron ser finalmente preso e arrastado à detenção no Segundo Céu, a Gehenna. Seus postos nas sociedades primitivas foram ocupados pelos elohins, agentes leais ao príncipe Miguel, e a seguir vieram os cataclismos, a grande erupção dos vulcões, os terremotos e alfim o dilúvio, que reduziu ainda mais o seu número.

Depois disso, não só o reino físico, mas também o paraíso se transformaram. Os arcanjos eram como os cinco dedos de uma mão, e Metatron, seu antagonista, era o punho que os mantinha coesos. Com o Rei dos Homens capturado e sua revolta esmagada, a união dos primogênitos ruiu. Primeiro foi Lúcifer, que por

inveja e ganância se opôs aos irmãos e acabou atirado ao inferno. Séculos mais tarde, Gabriel, exausto de tanto sangue e matança, rebelar-se-ia contra o tirânico Miguel, dando início à guerra civil que hoje se alastra pelas sete camadas celestes. Incapaz de aceitar os parentes brigando, Rafael, a Cura de Deus, preferiu abandonar a família e se isolar em alguma dimensão paralela.

De modo que não fosse visto — ou tratado — como mártir, Metatron foi poupado da execução e esquecido no cárcere por anos, para de lá escapar, agora que o Apocalipse se anuncia. Dos calabouços da Gehenna surgiu o boato de que, enlouquecido, ele traçou um plano em silêncio, descobrindo um jeito de retomar seu santuário perdido, tornando-se não apenas o salvador da raça humana, mas o único e soberano deus sobre o mundo.

Antes da grande batalha do Armagedon, antes que o sétimo dia encontre seu fim, os antigos aliados, Miguel e Gabriel, atuais adversários, deparam-se com uma nova e perigosa ameaça — uma que já consideravam vencida: a eterna luta entre o sagrado e o profano, entre os arcanjos e os sentinelas, que novamente, e pela última vez, se baterão pelo domínio da terra, agora e para sempre.

LIVRO 3



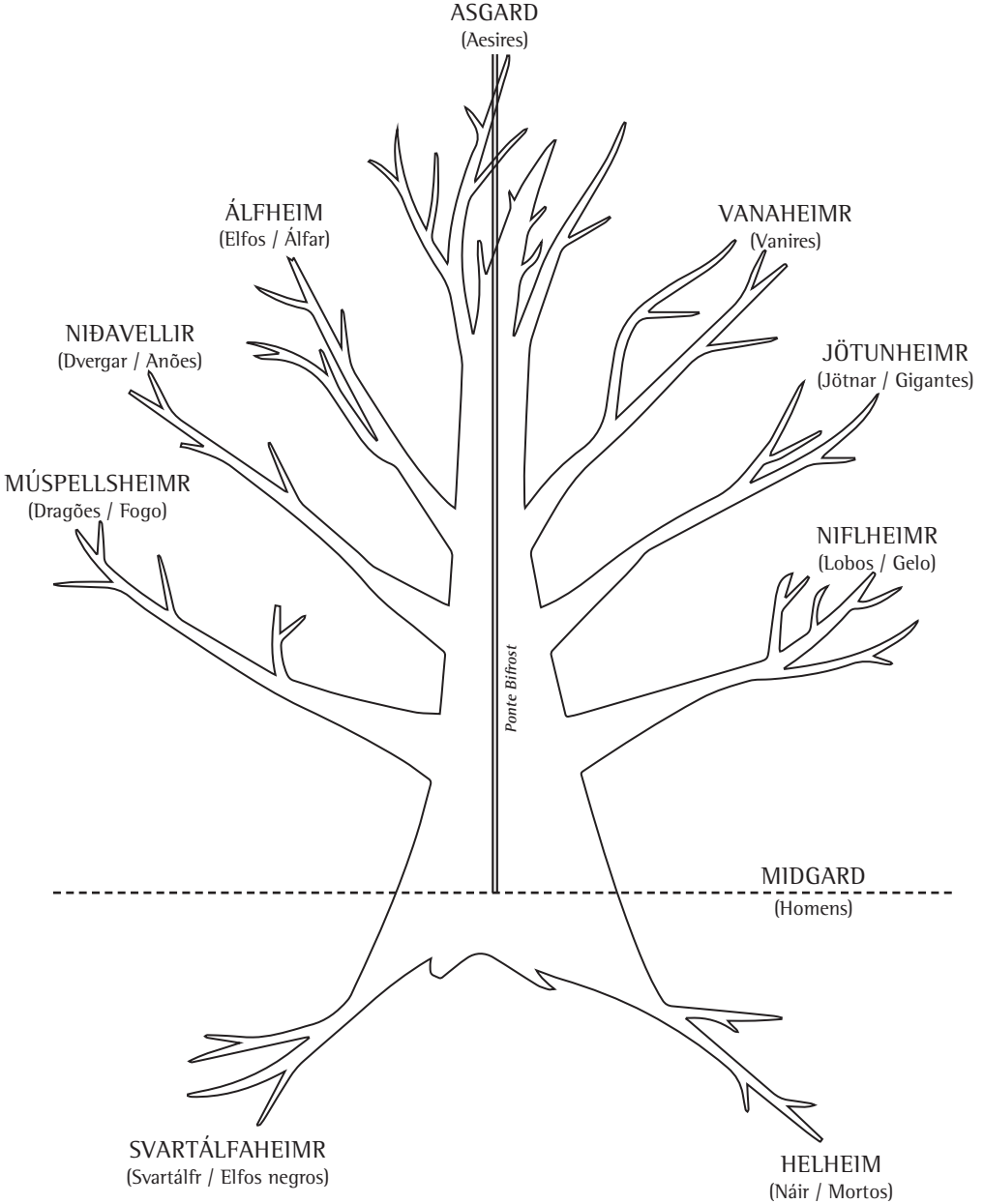
PARAÍSO
PERDIDO

PARTE I



O CREPÚSCULO
DOS DEUSES

YGGDRASIL





O PARAÍSO TERRESTRE

Jardim do Éden, nos primórdios da humanidade

ERA UMA VEZ, NA AURORA DOS TEMPOS, UM REINO DE MARAVILHAS INCALCULÁVEIS, repleto de árvores frutíferas e animais graciosos, onde o solo era fértil e os lagos, puros e cristalinos. Nesse lugar, em meio às grutas e cachoeiras, Adão, o primeiro homem, vivia feliz com sua esposa, Eva, sob a proteção direta do pai, a quem chamavam “Senhor”. O Jardim do Éden era um oásis de inesgotáveis recursos, situado na confluência dos rios Tigre e Eufrates, a sudeste da Mesopotâmia. Quem de suas fontes bebia se tornava imortal, e fora nessas condições que Adão por séculos habitara tais matas, sem conhecer a dor e o medo, o sofrimento e a morte.

O jardim tinha sete portões e quatro rios, que o cortavam de leste a oeste e de norte a sul, irrigando os campos de forma abundante, atenuando o calor, semeando flores de beleza ancestral, germinando bosques muito verdes e copiosos. Dentro desse refúgio, os dias seguiam uma nobre rotina, e, enquanto Eva colejava raízes, o primeiro homem caçava.

Certa tarde, Adão notou uma gazela que saltitava e deu a volta numa gigantesca figueira. Ergueu o corpo, afastou o cabelo, esperou o momento propício e atirou sua lança. O animal caiu às margens de um riacho, o pescoço sangrando, os olhos embaçados. O ferimento era grave, então ele correu sobre a relva, agarrou uma pedra e se preparou para deslanchar o golpe de misericórdia, quando percebeu que acertara uma fêmea, o ventre dilatado, as mamas duras, cheias de leite.

Deteve-se. O braço tremeu e ele sentiu uma angústia profunda, pensando nas crias que nunca nasceriam, que não gozariam o contato com a mãe. Sendo assim, o consternado Adão se ajoelhou e chorou, desejando que nunca tivesse partido naquela aventura, e foi então que um ser se materializou a seu lado. A figura, inicialmente translúcida, aos poucos se condensou numa entidade física, muito parecida com um homem comum, de meia-idade, a barba crespa, a calvície formando entradas na testa, o corpo robusto, os pelos grossos. Das costas nascia um par de asas cor de areia, e sua expressão era ora terna, ora severa, como de fato deveria ser a atitude de um pai.

— Por que chora, Adão? — trovejou o Senhor, as asas se espichando, os pés descalços roçando na grama.

— Oh, pai. Fui cego e estúpido. Não enxerguei que esta presa gestava e agora a condenei, assim como a toda a sua linhagem. Como posso privar qualquer um, seja homem, planta ou animal, de experimentar as riquezas do Éden?

— Não se entristeça — tranquilizou-o o ente barbudo. — Pois saiba, meu discípulo, que fui eu quem o confundi.

— Como? — O rapaz se levantou. Enxugou as lágrimas com o dorso da mão, engoliu a saliva em excesso. — Por quê?

— Estou sempre a testá-los. É essa a minha função — disse. — Ofusquei sua vista de propósito, para observar o que faria a seguir e como agiria em face do dilema. Mesmo faminto, você se recusou a esmagar o pobre animal. Por quê?

— Porque o que fiz foi errado — respondeu Adão. — Minha alma me diz que é errado.

— Sua alma lhe serve a contento — a voz do pai se encrespou. — Portanto, escute-me agora. Bem e mal não são simplesmente pontos de vista, mas existem perante o universo. Certo e errado são leis ecumênicas, forças superiores a você, superiores a mim, inclusive, e que devem ser respeitadas. — Dito isso, o Senhor se aproximou do bicho e como por mágica o ferimento sarou, todo o sangue se esvaiu, até que a gazela voltou a andar. — Eis mais uma de minhas diretrizes, mais um de meus mandamentos. Não se esqueça dele. Zele para que a terra perpetue seus frutos, preserve as sementes comestíveis e nunca, *já* tire a vida de uma fêmea em gestação. Essas regras são minhas e, como meu herdeiro, serão suas também.

Como um aluno obediente, o homem concordou, alegre por testemunhar a façanha. Naquele dia, Adão guardou a lança, retornou à sua cabana e deitou-se com Eva. Os dois comeram juntos, degustando raízes, e contemplaram o poente.

À sombra da mesma figueira, o Senhor observou Adão se afastando. No interior daquele santuário, onde tudo era inocente e sagrado, o tecido da realidade,

a cortina mística que separa os planos físico e espiritual, afinara-se a tal ponto que nem os anjos, criaturas de substância puramente celeste, encontravam problemas para se manifestar em suas formas verdadeiras, conjurando suas armas, armaduras e asas. Sabendo disso, um serafim que pela região flutuava avistou o matagal, desceu em rasante, trespassou um dos sete portões e se apresentou ao anfitrião, logo na entrada.

O nome desse serafim era Samael, conhecido por ser o imediato de Lúcifer, então um dos cinco regentes do cosmo. Insidioso como seu mestre, Samael se mostrou, no jardim, conforme era avistado no céu: seu corpo surgiu delgado e moreno, untado por algum tipo de óleo balsâmico. Os cabelos pretos estavam penteados para trás e exalavam um perfume agridoce. O nariz era agudo, os olhos, castanhos, e o rosto terminava em um cavanhaque pontudo. De tronco nu, trajava uma saia comprida, bordada com fios de ouro, e as asas, esguias e delicadas, pareciam cobertas pelo mesmo metal, formando um conjunto reluzente, meio claro, meio bronzeado.

— Salve, Metatron — ele começou, num tom diplomático que soava postiço. — Salve, Primeiro Anjo, Rei dos Homens sobre a Terra, líder e comandante dos sentinelas. Estaria eu perturbando o trabalho de sua majestade suprema?

Metatron retribuiu o olhar, circunspecto. Nutria respeito pelos arcanjos em geral, sobretudo pelo príncipe deles, Miguel, mas nunca confiara realmente em Lúcifer, a quem considerava o mais ardiloso dos primogênitos, e Samael tinha a mesma personalidade de seu amo, o que o tornava assaz perigoso.

— Salve, Samael. Que assuntos o trazem ao Éden?

— É uma beleza o que diante de mim se revela. Um oásis nos confins do horizonte deserto — ele se desviou da pergunta, fitando a copa das árvores. — O primeiro casal o idolatra como a um deus; eles o enxergam como o único e verdadeiro senhor do universo — provocou Samael, sempre educado, fazendo parecer um elogio. — É fabuloso o seu ministério, ó Rei dos Homens, uma alegria para os entes divinos. Yahweh ficaria encantado.

Farto da ladainha, Metatron deu um passo à frente e desafiou o forasteiro. Os dois eram a imagem do céu e da terra. De um lado pairava o sentinela, rústico na aparência, a barba crespa, o tronco forte, os cabelos desgrenhados, as mãos calejadas. De outro, confrontava-o o serafim de penas douradas, a silhueta longilínea, as costas eretas, as unhas polidas, os dedos magros.

— Por que não me diz — insistiu Metatron, e as palavras ficaram mais duras — que assuntos o trazem ao Éden?

— Oh, não queria ofender. — O visitante recuou uns dois metros e abriu os braços em sinal de humildade. — Sou um amigo e venho com a intenção de ajudar. — Tornou a olhar para cima, para a lua que nascia ao leste. — Fiquei pen-

sando há quanto tempo o poderoso monarca está aqui concentrado. Centenas, milhares de anos? Pois saiba que, lá fora, a civilização ganha força. Por todas as quinas da terra surgem novas culturas, novas sociedades que se multiplicam e prosperam.

— Eu sei. — Metatron franziu o sobrolho. — Não pense que estou alheio ao que transcorre no mundo.

— Ah, mas de uma coisa sua graça não sabe. — Samael enrijeceu o indicador. — Nem todos os sentinelas realizaram proezas tão belas. Para além destes muros, tribos estão em guerra, clãs e aldeias entraram em confronto. Em vários pontos do Éden, começaram pilhagens, batalhas e carnificinas, incitando sentimentos maléficis no coração dos terrestres.

— Sei disso também. Eis o motivo pelo qual ainda mantenho meus filhos enclausurados, longe da corrupção que por todos os lados se prolifera.

— Mas até quando? — exclamou o anjo dourado. — Sim, meu companheiro alado, um alerta é o que vim hoje fazer. Por maior que seja o esforço, não há como preservar o casal. Logo eles vão querer sair, vão desejar a liberdade.

— Não há liberdade maior do que a vida no interior destas cercas. — O Rei dos Homens encerrou o assunto declarando sua fé nos comparsas: — Em breve, os demais sentinelas completarão suas demandas, e teremos paz novamente. — E acrescentou, como se pudesse ler o serafim por inteiro, como se enxergasse suas reais intenções: — Contanto, claro, que ninguém os estorve, que ninguém os atrapalhe. Quem assim o tentar será considerado meu inimigo.

— Rogo para que se cumpra tal prognóstico, ó generoso senhor do canteiro. — Samael ofereceu um largo sorriso, cheio de dentes. — Que reine a paz no final. — Tomou distância e expandiu as asas. — Salve, Metatron. Salve, Yahweh.

Encerrado o debate, Samael se desmaterializou e na condição de espírito atravessou os portões. Metatron ficou a meditar sobre o que ele pretendia, sobre o que *Lúcifer* pretendia. E a partir daquele momento, só por precaução, trancou as sete portas, determinando que, à exceção dele, nenhum alado poderia adentrar o jardim. Se um anjo cruzasse as fronteiras, ele saberia.

Com certeza saberia.

2

BRINCANDO COM FOGO

Margem leste do rio Oceanus, tempo presente

FRIO. FOI A PRIMEIRA COISA QUE KAIRA SENTIU, LOGO QUE RETOMOU A CONSCIÊNCIA. O cérebro acendeu lentamente, mas os músculos continuavam rígidos, e os olhos pesavam como alçapões de concreto.

Frio.

Cega, indefesa, sem saber onde estava, ela procurou conjurar seus poderes, juntou energia para aquecer o corpo.

Nada.

Só o frio.

Frio.

Kaira, Centelha Divina, era uma arconte, uma capitã a serviço do céu. Era também uma ishim, a casta de anjos que controla as forças da natureza, e seu elemento era o fogo. Não muito tempo atrás, ela fora enviada ao plano físico — à Haled — com a incumbência de destruir Metatron, um antigo inimigo do paraíso, que escapara recentemente do cárcere. Mas, antes de dar início à jornada, Kaira resolvera por conta própria resgatar Denyel, um de seus aliados, que desaparecera fazia alguns meses, sendo tragado por um portal e se perdendo nas águas do rio Oceanus, uma das estradas místicas que, ao lado do rio Styx, contornam o espaço e as dimensões paralelas.

Uma vez no Oceanus, Denyel poderia ser transportado a qualquer parte do cosmo, então ela recrutou uma equipe com o objetivo de localizá-lo — para só

depois, com o time reunido, principiar a caçada a Metatron. Na companhia de Uraquin, um anjo guerreiro, e de Ismael, um dos regentes do purgatório, ela seguiu pistas por todo o planeta, deixadas pelos extintos povos atlantes, até encontrar a cidade perdida de Egnias e uma nova passagem aos confins do universo.

O percurso, entretanto, revelar-se-ia tempestuoso. O Oceanus é conhecido por inibir os poderes angélicos, e talvez isso os tenha feito dormir. O maior temor de Kaira, agora, era ter sido capturada por seus oponentes. O paraíso vivia, ao anoitecer do sétimo dia, uma sangrenta guerra entre as forças legalistas do arcanjo Miguel e as tropas revolucionárias de seu irmão Gabriel, e ela pertencia à segunda facção, uma unidade de alados que se insurgira contra a tirania, contra a política celeste de exterminar os terrenos.

O corpo foi esquentando e aos poucos ela conseguiu se mover. Engasgou-se. Tossiu. Ofegou. Depois, fez silêncio.

Completo silêncio.

Escutou murmúrios, grunhidos, sentiu uma vibração a seus pés. Um tremor. Uma, duas, três pegadas e a seguir alguma coisa a ergueu pela cinta. Trôpega, Kaira abriu os olhos, para enfim se deparar com um cenário *sui generis*.

O local era — ou parecia ser — um bosque, uma floresta temperada, envolta por uma clara neblina de inverno. Os pinheiros tinham o tronco grosso, os galhos robustos, terminando em gotejantes pontas de gelo. O solo, as folhas e as pinhas estavam permeados por uma fina camada de neve, e ao olhar para cima ela avistou nuvens cinzentas, que encobriam o céu e os raios solares. O clima era gélido, e o nevoeiro, muito denso e concentrado, ocultava os detalhes da mata, contudo os poderes de Kaira lhe permitiam gerar fogo e calor, o que, indubitavelmente, a salvara da hipotermia.

O ser que a apanhara era um monstro, ao que tudo indicava. Parecia-se (muito vagamente) com um homem das cavernas, mas somava dois metros e meio de altura e tinha a face enrugada, marrom, com os globos oculares saltados, os dentes podres e os lábios encardidos. De pele áspera, cheia de verrugas e talhos, vestia-se de modo grosseiro, com trapos e remendos de couro. Na mão direita carregava um tacape, uma clava, perfeita para bater e esmagar.

— Ei, Gren — a criatura, idêntica aos ogros retratados nas lendas, nos mitos e nas sagas nórdicas, acenou para um segundo ser da mesma espécie, que apareceu por trás de um roble. Sua voz era estranha, misto de guincho e rugido. — Olhe só, uma ninfa. Que fome eu fiquei de uma hora para outra.

Kaira podia agora se movimentar, mas estava presa. O ogro a apertava com os dedos, manuseando-a com águia na boca.

— Ninfa? — O gigante na retaguarda deu um arrote, coçou a barriga. — Mas as ninfas não se foram com os elfos?

— Oh, os elfos. — O captor a cheirou, as narinas circuladas de musgo. — Então é uma valquíria, decerto.

— Uma valquíria sem armadura? Nunca vi.

— Nem eu. Tanto melhor, é mais fácil de despelar — disse o primeiro e alçou a Centelha nos ombros. Kaira esperneou, esforçou-se para se libertar, mas o gigante era forte. Conjurou então sua aura, sentiu um formigamento na espinha, até que a própria pele enrubesceu, esquentou feito uma chapa de ferro. O monstro que a conduzia tomou um susto e imediatamente a soltou, espanando o dorso com as palmas abertas, sacudindo as costas para se refrescar. Destra, ela caiu com os pés firmes na neve. — Sua maldita! — berrou o facínora. — Queimou a minha mão.

— É o que acontece com quem brinca com fogo. — Ela afastou os longos cabelos ruivos, encarou-os com seus olhos verdes e deu um passo atrás, em posição defensiva. Incendiou os punhos até que eles ficassem iguais a duas tochas brilhantes, as flamas rubras despreendendo fumaça. — Onde estou? Quem são vocês e que lugar é este?

— Pirotecnia? — O monstro a ignorou. — Viu, Gren? Eu disse que ela era uma fada.

— Oh, Deus. — Kaira desviou o rosto para se livrar do mau hálito. — O que você andou comendo?

— Mocinhas como você — respondeu um dos ogros e brandiu a clava para atacá-la. Já preparada, a arconte rolou à direita, ergueu-se e disparou uma bola de fogo. O golpe não saiu tão poderoso quanto ela esperava, mas acertou a criatura na testa. Cega e com muita dor, a fera largou a arma e recuou. — Meus olhos — gritou. — Gren, ela me cegou, essa elfa. — Segurou-se numa árvore, usando-a como ponto de apoio. — Por Thrymr, estou cego. Estou cego, Gren.

O colega do monstro se espantou com a ferocidade excessiva. Kaira, que na mente deles nada mais era que uma fada perdida, revelara-se, afinal, uma oponente voraz. Ela, por sua vez, embora estivesse agora em plenas condições de lutar, seguia confusa, intrigada com esse novo ambiente. Que sorte de aberrações eram essas? Indivíduos famintos, estúpidos e deformados, que se comportavam, literalmente, como os gigantes dos contos de fadas. Por certo não eram demônios, muito menos seres humanos. E, como ela não sentia as vibrações do tecido, estava claro que aquela não era uma floresta terrestre, tampouco uma zona astral ou etérea. Kaira se encontrava em uma dimensão paralela; a questão era saber *que* dimensão e quem a governava.

O ogro de rosto queimado se distanciou, mais desapontado que ferido, como um imenso bebê que corre para casa. O parceiro que ele chamava de Gren tomou as dores, deitou o bastão de lado, juntou os pulsos, trançou os dedos e golpeou

em semicírculo. Kaira deu uma cambalhota por baixo de suas pernas, escapando da investida, quando a fera girou nos calcanhares e a encarou, possessa. Focado unicamente em estraçalhar a celeste, o ser não percebeu uma quarta figura que entrava em cena, uma sombra que chegou ao combate saltando — e que com um murro o atingiu no nariz. O repugnante Gren caiu de costas, a cara amassada, os dentes rachados, as gengivas sangrando.

De pé sobre um tronco, divisava-se outro anjo, da ordem dos querubins. Alto e musculoso, de cabelos raspados e cavanhaque castanho, fazia lembrar um pugilista, um desses campeões dos pesos-pesados, capazes de matar com apenas um soco.

— Urakin? — Kaira se alegrou ao reconhecer o amigo. — Onde estava?

— Despertei faz dez minutos, vasculhei o bosque e persegui seu odor. — Os querubins são predadores, e quase todos possuem os sentidos bastante apurados, o que lhes permite seguir trilhas e rastros. Urakin, o Punho de Deus, como fora alcunhado no paraíso, trajava ainda suas roupas comuns: calças jeans surradas, camiseta branca e coturnos pretos. — E você?

— Mesma coisa — respondeu a celeste, sempre atenta aos ogros, que estavam abatidos, mas não mortos. Gren permanecia no chão, gemendo, enquanto o outro desaparecera na névoa. — E Ismael? — ela se lembrou do terceiro integrante do coro, agora que a briga esfriara. — Pode farejá-lo?

— Não. Ainda não consegui captar o cheiro dele — Urakin falou baixo para não atrair outras feras. — Estamos perto do Oceanus, isso eu já conferi. O rio atravessa um trecho da floresta, serpenteia por entre três carvalhos e depois se perde nas brumas.

Os dois cautelosamente se afastaram do ogro, olhando em todas as direções, calculando cada passo, sumindo na cerração.

— Precisamos encontrá-lo. E descobrir que lugar é este, o quanto antes.

— Qual sua hipótese?

— Ismael era o cérebro. — Kaira tornou a se recordar do amigo, um anjo impiedoso, calculista, porém justo e inteligente, totalmente devotado a ela. — De qualquer maneira, não sinto as oscilações do tecido, então só podemos estar em outra dimensão.

— Sim, mas em qual?

— Talvez a Arcádia. O gigante me confundiu com uma ninfa. — Ela achou curioso porque os ishins, no passado, tiveram estreita ligação com o reino das fadas. — E a Arcádia é a pátria dos elfos.

Urakin não retrucou. Em vez disso, parou de andar e fez sinal com o indicador sobre os lábios para que ela não fizesse barulho. Kaira se calou e, quando pers-

crutou o terreno de novo, teve a impressão de que as árvores tremiam. Mas não eram as árvores — eram mais ogros, que, antes ocultos, escondidos na mata, agora os cercavam pela frente e por trás. As feras tinham a carne escura, a pele vinçada, os braços porosos, próprios para camuflagem, podendo emboscar suas presas. Súbito, Kaira e Urakin estavam rodeados não por dois, mas por *oito* monstros, armados com enormes tacapes, tão altos e fortes quanto as primeiras bestas que os haviam agredido.

— O que me diz? — Urakin estudou o bando que se achegava. — Como lidamos com essas... monstruosidades?

— Do jeito clássico.

— Como?

— Eu mostro. — E, com os braços pegando fogo, a celeste recomeçou a disputa. Invocou um jato de chamas, que se alastrou sobre o peito do adversário mais próximo, incendiando seus trajes de couro. O gigante rasgou os farrapos e se abanou, mas não chegou a se ferir, então continuou trotando ao encontro deles. Urakin interferiu no duelo catando um fragmento de madeira e o arremessando no ar. O estilhaço penetrou o coração do inimigo, perfurando-lhe o corpo e o matando na hora.

— O que houve? — o guerreiro voltou-se para a Centelha, sem entender por que suas chamas, outrora tão possantes, não surtiam o efeito padrão. — Tudo bem com você?

— Não sei. — Ela esfregou as palmas, o atrito gerando faíscas. — Não deve ser nada — supôs. — *Espero* que não seja nada.

À exceção do primeiro ogro, exterminado por Urakin, outros sete ainda lutavam. Um monstro à sua esquerda o ameaçou com um chute, mas antes de desferi-lo uma lança trespassou-lhe as costelas. Cascos então foram ouvidos, e mais pontas foram jogadas.

Kaira se abaixou, instintivamente, enquanto um cavalo pulava sobre ela, e depois mais outro, e outros. Uns dez, *quinze*, ela contou. Sobre esses corcéis cavalgavam jovens mulheres, os cabelos trançados, principalmente louras e ruivas, mas havia morenas também. Envergavam couraças metálicas, forjadas sob medida, com elevações para os seios. Usavam elmos que protegiam a cabeça, deixando a boca e o queixo à mostra. Suas armas variavam do arco à azagaia, do sabre ao machado, e algumas portavam tridente. No meio delas, destacava-se um lutador solitário, também protegido por uma armadura completa. Montava um garanhão de crina escura, e em vez do elmo usava um capacete todo fechado. Como arma trazia uma espada, uma que Kaira já conhecia, apenas não sabia de *onde*.

O cavaleiro se mostrava feroz em combate. Com sua lâmina, degolou dois gigantes de uma vez. Urakin nada fez, diante do risco de ser pisoteado, em meio

a trotes e empinadas. O regimento, porém, detinha absoluto controle da luta, e em três minutos os sete monstros jaziam no solo, o crânio despedaçado, os membros partidos, o busto perfurado por adagas ou flechas.

Uma mulher loura, de braceletes prateados, conduziu sua égua à presença dos anjos, mirando contra eles sua lança de caça. Não só ela, mas agora as demais guerreiras os afrontavam, furiosas, como se eles fossem inimigos, não visitantes.

— Celestes? — a amazona os recebeu de modo agressivo. — O que fazem aqui? Quem são vocês? O que pretendem em nossas terras?

— Eu lhe diria — Kaira respondeu com toda a calma. — Se soubesse que terras são estas.

— Invasores — ela rosou novamente. — Já não nos bastavam os gigantes? — Segurou mais firme o arpão. — Direi só uma vez. Este é o bosque real dos deuses de Asgard. — E tornou a perguntar, quase gritando: — Quem são vocês? O que vieram fazer nestas plagas?

A desconfiança era justificada. Havia muito tempo, os anjos travaram uma guerra contra os deuses — as Guerras Etéreas, ocorridas vinte e cinco mil anos antes —, mas acabaram derrotados, sendo expulsos de muitas regiões do planeta, onde a autoridade desses ídolos permaneceu inabalada. Mesmo vitoriosos, era absolutamente natural que os espíritos antigos nutrissem, ainda, grande suspeita contra os celestes e os considerassem, de certa forma, adversários ferrenhos.

— Sou Kaira... — ela começou a falar, mas fez uma pausa quando viu o capitão, o único homem da comitiva, caminhar até eles em atitude pacífica. Sua armadura era negra com detalhes de aço, suja e cheia de cortes, sugerindo que aquele era um indivíduo de ação, que gostava das incursões, da peleja e da guerra. Parou na frente dela, deu um longo suspiro e removeu o capacete, revelando enfim seu semblante.

Urakin arregalou os olhos. O cavaleiro era Denyel em pessoa, exatamente o anjo que eles tanto desejavam encontrar. Os cabelos pretos não haviam mudado, mas a barba, essa sim, ele deixara crescer. Com menos de um metro e oitenta, Denyel não era exatamente o que se esperaria de um guerreiro nórdico, todavia sua expressão compensava, radiando uma aura ferina.

— Denyel? — Kaira estava sem palavras, então o abraçou. O capitão retribuiu o gesto, mas algo não se encaixava, era como se ele não estivesse completamente à vontade, como se quisesse dizer alguma coisa. — O que... — ela titubeou. — O que aconteceu com você?

— Fáiisca? — ele a chamou pelo apelido. Na face, havia iguais doses de felicidade e tristeza. — Por quê? Por que veio atrás de mim?



O FRUTO PROIBIDO

Mesopotâmia, em um passado remoto

APÓS A VISITA DE SAMAEL, METATRON TOMOU A DECISÃO DE SELAR SEUS DOMÍNIOS, estabelecendo que nenhum celeste, à exceção dele próprio, poderia cruzar os sete portões. Mas Samael era teimoso e pediu a seu amo, Lúcifer, que lhe ensinasse a arte da transmutação. Disfarçado então de serpente, ele se esgueirou por baixo das grades que cercavam o jardim e conseguiu penetrá-lo. Rastejou por dois dias através dos rincões até encontrar uma macieira robusta, carregada de pomos vermelhos, e se enroscou confortavelmente em seu tronco.

Pendurado em um dos galhos o anjo esperou, aguardou com a maior paciência. Numa tarde, avistou uma moça desnuda, correndo feliz sobre os campos floridos. Os raios solares desciam enviesados quando a jovem Eva se deparou com a macieira em questão — ela coletava víveres para o jantar e nunca contemplara iguarias tão frescas, aparentemente tão suculentas. Mas, ao se aproximar do terreno, notou que o canto das aves cessara. Ora, os bichos não sabiam que a serpente era Samael travestido, mas uma cobra é ainda assim um animal perigoso. Eva também farejou a ameaça, sentiu o alerta do coração, mas as maçãs lhe pareciam tão belas que julgou que valia a pena correr o risco.

Uma nuvem cinzenta os encobriu no instante em que Eva se adiantou. Curiosa, ela olhou para o réptil, um ser que até então desconhecia, já que Metatron não deixava entrar predadores naquele extremo do Éden. Depois se retraiu, temerosa.

— Não se assuste, ó filha dos homens — disse a criatura numa voz sibilante.
— Chegue mais perto e tome esta maçã como presente.

— Quem é você? — ela perguntou, tão desconfiada quanto maravilhada. O animal era diferente de todos os outros. Suas escamas coriscavam ao reflexo da luz, passando do castanho ao dourado conforme os movimentos da cauda. — Qual é o seu nome?

— Sou um anjo — respondeu a víbora. — E o meu nome é Samael.

— Um anjo? — A moça afastou as folhas do rosto. — O que é um anjo?

— Um mensageiro — explicou por entre os dentes pontudos. — Um emissário de Deus.

— Quem é Deus?

— Seu pai nunca lhe contou?

— Não.

— Ah, então não serei eu a contar — o serafim jogou a isca, e a rapariga a fispou. O que mais o alegrava era corromper as pessoas, e Eva era a inocência encarnada. — Nós, anjos, somos entidades místicas, dotadas de poderes extraordinários. — Ora brancas, ora negras, as pupilas freíam num padrão hipnótico. — Somos os regentes do céu e da terra, dos animais e dos homens.

— Dos homens? — Neste ponto, a jovem estava completamente seduzida. Ela sentia o apetite crescer, não pelas maçãs, é claro, mas por alguma coisa que anos mais tarde chamaria de “conhecimento”. — Não é Adão o primeiro homem, e eu a única mulher?

— Se assim fosse, de onde *você* teria nascido? — A cobra gargalhou, e Eva experimentou a vergonha pela primeira vez. — Existem outros homens e outras mulheres no exterior do jardim, bem como belezas naturais infinitas. A oeste há um lago tão extenso que não se pode enxergar o fim, e ao sul a paisagem termina em morros altíssimos, muito maiores que duzentas árvores sobrepostas.

— Se existem mais como nós, por que o meu pai não nos disse? — A moça tomou as palavras como insulto, mas não conseguia se desvencilhar, não conseguia ir embora e deixar a cobra falando sozinha. — Não acredito em você, criatura rastejante.

— Ó criança, há quanto tempo o Senhor a tem enganado? — A língua bifurcada se agitava na boca. — Pois nem mesmo neste santuário você foi a primeira. Houve antes outra mulher, uma que se deitou com Adão, fez amor com ele e depois se esvaiu.

— Prove.

— Pergunte ao seu pai sobre Lilith. Não se esqueça do nome. — Samael fez uso da carta na manga: — Mas não culpe o seu pobre marido, pois ele não se recorda dos fatos. Foi o Senhor quem lhe apagou a memória.

— Por quê?

— Por quê? — Outra risada indecorosa, escorrendo veneno. — Para mantê-los presos, confinados, como formigas na palma da mão. — O tom ficou mais agressivo, não contra ela, mas *a favor* dela, acusando Metatron. — Para privá-los da liberdade.

— O que é a liberdade?

— É a capacidade de escolher o próprio destino, ter a chance de decidir entre o bem e o mal antes que a morte os alcance.

— Morte? — Eva tinha uma vaga noção do que era a morte, pois já vira animais sendo caçados, mas nunca pensara que conceitos como *finitude*, *esquecimento* e *ausência* se aplicariam a ela algum dia. — O que é a morte? O que ela representa para mim?

— Separação deste mundo. — A cobra assumiu um tom sério, e Eva reparou que suas lições eram mais envolventes que as do Senhor. Metatron não dialogava com eles, apenas lhes ditava normas. — O seu pai construiu este refúgio para torná-los imortais, mas ao preço da castração, fazendo-os estéreis e dóceis, obedientes e inférteis, e por consequência privando-os do amor verdadeiro.

— O que é o amor verdadeiro?

— É o amor instintivo. — A cobra a fitou com aqueles perturbadores olhos redondos. — Por que as gazelas, as andorinhas e até os peixes podem procriar, e vocês não? — perguntou, numa oratória impecável. — É por meio dos descendentes que a raça humana propaga o legado, é através deles que se torna imortal. Se insistirem em ficar no jardim, estarão livres do sofrimento e da dor, mas nunca saberão como é o mundo lá fora e jamais conhecerão o amor soberano. — E finalizou com uma conclusão filosófica: — Pois, acredite, jovem Eva: é na dificuldade, e não na alegria, que a ternura aparece, as relações são testadas e os laços se fortalecem. O jardim é uma ilusão. O jardim é o útero, e o Senhor, seu cordão.

Eva sentiu vontade de chorar, gritar, fugir, mas se calou. O que pensariam dela? O que diriam os cervos e os pássaros, e como a julgaria a serpente? Seria real o que acabara de ouvir? E se ela não fosse única, e se tivesse existido mesmo a tal Lilith?

— Como? — A jovem se mostrou vulnerável, e foi então que o serafim efetuou sua manobra. — Como sairemos do jardim, se o Senhor nos vigia?

— Isso eu não posso dizer. — Samael recolheu-se, deixando no ar o segredo mais profundo. — Terão que descobrir por si mesmos. — E, quando Eva insistiu, ele pegou uma maçã com a boca e lhe entregou. — Converse com o seu marido. Só converse. E leve para ele este fruto.

* * *

Uma vez semeada a discórdia, Samael resolveu desaparecer do jardim, antes que alguém o desmascarasse. Desceu da árvore em completo silêncio, rastejou na direção sul e se escondeu numa toca por duas semanas. Quando o inverno ia chegando, deslizou sobre a grama, cavou um túnel com o nariz e escapou do paraíso terrestre.

Para além do oásis, o cenário revelou-se escaldante. Não havia muita coisa a não ser areia, poeira e fragmentos calcários.

Samael julgou estar salvo. Faltava-lhe somente retornar aos Sete Céus e dar a seu mestre a grande notícia, contando — *versejando*, quem sabe — como corrompera o primeiro casal. Mas ele acabara de avançar pelos ermos quando teve seu disfarce anulado por uma energia superior. De repente, não era mais uma cobra, era o anjo de sempre, a pele morena, as asas douradas, o cavanhaque oleoso. Pego em flagrante, tinha os cotovelos abertos, o abdome colado na terra. Então, ao erguer o queixo um centímetro, descobriu quem o espiava, e não era ninguém menos que Metatron.

— Majestade? — Samael deu um sorriso acanhado e fez menção de se ajoelhar, mas o sentinela não deixou.

— Fique no chão, onde é o seu lugar. — Com o calcanhar, o Rei dos Homens pisou-lhe a nuca, quase o esmagando contra o solo. Samael tentou gritar. Não conseguiu. — O que eu lhe disse, entidade maldita?

— Mas... — Ele cuspiu sangue e cascalho. — Não fiz por mal, sua graça — tentou se justificar, como normalmente agem os covardes. — Veja, foi o meu amo, Lúcifer, quem me enviou à Haled com a missão preparada. Só cumpro ordens.

— Sim, eu sei. — Metatron ergueu o invasor pelo pescoço. — É por isso que vou mandar para ele um recado.

Ditas essas palavras, o líder dos sentinelas atirou sua vítima através da planície. O corpo rolou por uns duzentos metros até estacionar sob um pedaço de rocha. No momento seguinte, intensificou o castigo, virando-o novamente de bruços. Samael tinha consciência do que ele planejava, sabia quanto sofreria, e não viu saída a não ser suplicar.

— Clemência — implorou. — Piedade, em nome de Deus.

— Em nome de Deus? — o barbudo enojou-se. — Quem é você para...

— Clemência — o serafim tornou a berrar. — Misericórdia. Perdoe este pobre celeste. Perdoe-me por tê-lo desacatado.

— Samael, você já deveria saber: eu não sou do tipo que perdoa. — Embora implacável, o guardião do jardim não tinha nem nunca tivera uma personalidade maléfica e no fundo não queria provocar dano a ninguém, mas o crime exigia uma punição exemplar, ou a mensagem não seria transmitida a contento. — Conhece a rotina, não conhece?

Sem esperar a resposta, Metatron deu início ao massacre. Com as duas mãos, agarrou-lhe a asa direita e com um simples puxão a arrancou de seu dorso. O ataque foi seco, recheado de crueldade, e dilacerou ao mesmo tempo os ossos, o tecido e a carne, tão rápido que o sangue só esguichou um segundo depois. Samael se contorceu e emitiu um uivo esganiçado, que ecoou de norte a sul da Mesopotâmia, das montanhas de Zagros ao vale do rio Eufrates, das margens do Tigre às praias do golfo Pérsico.

O solo bebia então litros de sangue, deixando claro que o serafim não suportaria um novo estirão. Como não queria — não *podia* — matá-lo, em vez de ensaiar outro choque, Metatron torceu-lhe a segunda asa, partindo-a como quem tritura um graveto. Depois, girou-lhe os tendões em movimentos de rosca, até que os nervos descolaram, sobrando apenas uma ponta branca onde outrora se projetava o apêndice.

Com dois avantajados rasgos nas costas, através dos quais se enxergavam os pulmões, o elegante Samael era agora uma pasta escarlata, de pernas trêmulas e feições deformadas. O Rei dos Homens tornou a rodá-lo, dessa vez de cabeça para cima, e com um tapa o despertou.

— Envio-o de volta aos Sete Céus, ó serpente da desgraça. Diga à Estrela da Manhã que sou eu quem manda no Éden, e que ele nunca mais despache seus anjos para seduzir os meus filhos.

— Garanto que ele não o fará, ó Senhor — murmurou o serafim, regurgitando nódoas cruentas. — Pois isso não será mais necessário. — E, mesmo agonizante, ele sorriu pelo canto da boca, sabendo afinal quem vencera a disputa. — Não será mais necessário.